

REVISTA VIA TEOLÓGICA

Volume 20 – Número 39 – Junho / 2019

O USO DO ANTIGO TESTAMENTO NO NOVO TESTAMENTO: ENTENDENDO O SIGNIFICADO DO “DESCANSO” EM HEBREUS

*Me. Carlos Alberto Bezerra
Érica Guedes Rebouças*

O USO DO ANTIGO TESTAMENTO NO NOVO TESTAMENTO: ENTENDENDO O SIGNIFICADO DO “DESCANSO” EM HEBREUS

The use of the Old Testament in the New Testament: understanding
the meaning of “rest” in Hebrews

*Me. Carlos Alberto Bezerra¹
Érica Guedes Rebouças²*

¹ Mestrado em Teologia pelas Faculdades Batista do Paraná (FABAPAR). Professor da graduação e pós-graduação em Teologia na Faculdade Batista do Cariri. Carlosabla53@hotmail.com

² Especialização em Teologia Bíblica pela Faculdade Batista do Cariri.

RESUMO

A partir da importância hermenêutica e não consensual do fenômeno da intertextualidade bíblica, o objetivo do trabalho foi aplicar o método eclético interpretativo “Único Significado, Múltiplos Contextos e Referentes” (sugerido por Darrell L. Bock) na passagem de Hebreus 3.7 – 4.11, discutindo sua validade no significado e referente do termo central “descanso”, repetido pelo menos 8 vezes na perícopé. As referências que o autor da epístola aos Hebreus faz do AT foram divididas em dois momentos, levando em consideração a centralidade mencionada: o descanso na criação e o descanso na terra prometida. Já no NT, a ênfase foi explicar como esses dois momentos foram usados para explicar o descanso de Deus.

Palavras-chaves: Descanso. Hebreus. Referente. Significado.

ABSTRACT

Based on the hermeneutic and nonconsensual importance of the biblical intertextuality phenomenon, the objective of this paper was to apply the eclectic interpretative method “Single Meaning, Multiple Contexts and Referents” (suggested by Darrell L. Bock) on the text Hebrews 3:7 - 4:11, discussing its validity in the meaning relative to the central term “rest,” repeated at least 8 times in the book. The references that the author of the epistle to the Hebrews makes of the OT were divided into two moments taking into account the centrality mentioned: rest in creation and rest in the promised land. In the NT, the emphasis was to explain how these two moments were used to explain God’s rest.

Keywords: Rest. Hebrews. Referent. Meaning.

INTRODUÇÃO

Há algum tempo, o possível diálogo entre as diversas disciplinas tem permitido a compreensão de certos fenômenos linguísticos que antes não podiam ser contemplados. Assim, a intertextualidade tem sido um dos grandes temas de estudo dedicados na atualidade, sob as mais variadas perspectivas teóricas.

Esse fenômeno que estuda o “Uso do Antigo Testamento (AT) no Novo Testamento (NT)”, quando aplicado a textos bíblicos, é um dos tópicos de maior importância na hermenêutica bíblica. Quando se lê o NT, fica-se impressionado com a quantidade de citações e/ou alusões ao AT: vinte e três dos vinte e sete livros do Novo Testamento citam o Antigo.

Muitos artigos e livros abordaram essa questão, por isso o grande número de sugestões de soluções diferentes para o problema aumentou um pouco mais a dificuldade de compreensão. Atualmente, não há consenso sobre uma abordagem apropriada. Nas últimas décadas, alguns artigos e livros resumiram diferentes visões desse fenômeno linguístico aplicado às Escrituras, possibilitando a comparação conjunta entre as diferentes visões hermenêuticas.

Diante da importância hermenêutica e não consensual do fenômeno da intertextualidade bíblica, essa pesquisa será focada na epístola aos Hebreus, a qual está entre os quatro livros do NT que contêm mais volume de citações e alusões ao AT. O trabalho terá ênfase no termo “descanso”, o qual perpassa toda a Bíblia e parece ter um melhor entendimento somente no NT. Embora o conceito de descanso tenha sido importante no ensino da igreja, ao longo dos séculos ele recebeu pouca atenção dos estudiosos bíblicos, comparado a outros temas teológicos. Entretanto, o crescente volume de literatura sobre esse tema nos últimos cinquenta anos foi considerável. O entusiasmo para o assunto não resultou em um consenso geral, portanto ainda

há lacunas para o estudo investigativo da intertextualidade em Hebreus, especificamente levando em conta o termo “descanso”, presente nos capítulos 3 e 4.

Com base no exposto, o objetivo do trabalho será a aplicação da abordagem eclética “Único Significado, Múltiplos Contextos e Referentes”, sugerida por Darrell L. Bock, para entender o significado do termo “descanso” na passagem específica de Hebreus 3.7 – 4.11. A escolha da abordagem se deu por sua complexidade, que surgiu a partir de uma análise das falhas e coerências de outras escolas hermenêuticas. Além disso, essa abordagem é caracterizada por considerar dois níveis indispensáveis de interpretação: histórico-exegético e teológico-canônico.

Na passagem de Hebreus há inúmeras citações, alusões e, provavelmente, ecos. Por isso, os usos do AT no NT a serem analisados serão estruturados a partir do termo central, “descanso”, repetido pelo menos 8 vezes na perícopes. As referências que o autor da epístola aos Hebreus faz do AT serão divididas em dois momentos, levando em consideração a centralidade mencionada: o descanso na criação e o descanso na terra prometida. Já no NT, a ênfase será expor como esses dois momentos foram usados para explicar o descanso de Deus.

Para isso, inicialmente, serão analisadas separadamente as passagens do AT a que o autor da epístola aos Hebreus faz referência explicitamente, e que é considerada consenso entre os estudiosos. Essa análise levará em conta o contexto histórico, gramatical e literário, bem como a teologia dentro da revelação progressiva. Depois disso, esse mesmo estudo será feito no texto do NT, respondendo, então, o principal questionamento de como o autor do NT usou o AT, levando em conta o significado e referente do “descanso”.

1. FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA

O termo da intertextualidade surgiu em 1960 com os estudos de Kristeva (1986), uma crítica literária francesa, que se baseou na perspectiva do dialogismo (em que duas vozes participavam na produção de um texto) de Bakhtin (1997) aplicado ao texto. Definir esse fenômeno não é uma tarefa simples, uma vez que ainda não há consenso entre os críticos literários sobre o tópico. Apesar das várias abordagens teóricas que podem ser observadas sobre a intertextualidade, todas parecem convergir para o entendimento de um texto inserido em outro com a finalidade de modificá-lo de alguma forma e para alguma finalidade.

Uma destas teorias sobre intertextualidade que está inserida no campo da linguística textual é a de Koch (et al), que propõe duas definições, distinguindo uma no sentido *stricto sensu* e outra no sentido *lato sensu*.³ O sentido *stricto sensu*, que é do interesse desse trabalho, segundo estes teóricos, “ocorre quando, em um texto, está inserido outro texto (intertexto) anteriormente produzido, que faz parte da memória social de uma coletividade ou da memória discursiva[...]dos interlocutores”.⁴

Segundo Silva, na epístola aos Hebreus, a intertextualidade que mais se destaca é a implícita, portanto a mais recorrente no presente trabalho.⁵ Koch (et al) define esse tipo de intertextualidade:

Tem-se a intertextualidade implícita quando se introduz, no próprio texto, intertexto alheio, sem qualquer menção explícita da fonte, com o objetivo de seguir-lhe a orientação argumentativa, quer de contraditá-lo, colocá-lo em questão, de ridicularizá-lo ou argumentar em sentido contrário.⁶

3 KOCH, I. G. V.; BENTES, A. C.; CAVALCANTE, M. M. **Intertextualidade**: diálogos possíveis. 3.ed. São Paulo: Cortez, 2012.

4 KOCH; BENTES; CAVALCANTE, 2012, p. 17.

5 SILVA, V. V. A intertextualidade em Hebreus 4. **COLLOQUIUM**, Crato - CE, volume I, n.1, p.5-19, 2016, p. 6.

6 KOCH; BENTES; CAVALCANTE, 2012, p. 31.

Dentro dessa categoria, é relevante para esse trabalho considerar somente dois tipos de intertextualidade implícita: alusões e ecos. Alusões podem ser entendidas, como aponta Beale⁷, como transmissores literários propositalmente utilizados por um autor para conduzir o leitor a uma fonte antiga ou contemporânea conhecida e que precisa ser reproduzida para o presente, a fim de que o novo texto seja melhor compreendido. Nesse caso, várias palavras ou expressões chave são utilizadas, principalmente pela repetição, possibilitando a identificação desse fenômeno. Diferente da alusão, segundo Beale⁸, o eco é mais sutil, ou seja, menos explícito, e pode ser definido como uma característica de um texto que se deriva de outro texto ou tradição não escrita, não necessariamente para uma fonte específica anterior. Além disso, não há intenção específica por parte de um escritor se referir a um texto específico, como ocorre na alusão. Portanto, o eco resgata uma imagem anterior que ajuda o leitor entender o texto posterior.

252

O fenômeno da intertextualidade, conhecido como “Uso do Antigo Testamento (AT) no Novo Testamento (NT)” quando aplicado a textos bíblicos, está sendo discutido e debatido por vários estudiosos, desde o século passado. Toda essa investigação tem resultado várias especulações para o questionamento já mencionado anteriormente: como os escritores do NT fizeram uso do AT? Muitas são as abordagens que existem como resposta ao problema em questão, entretanto nesse trabalho será trazida a de Darrell L. Bock, Único Significado, Múltiplos Contextos e Referentes.

A partir da discussão de algumas visões hermenêuticas com relação ao tema do uso do AT no NT, Darrell L. Bock sugeriu uma abordagem eclética aos problemas levantados em pelo

7 BEALE, G. K. **Manual do uso do Antigo Testamento no Novo Testamento: exegese e interpretação.** Tradução de A. G. Mendes. São Paulo: Vida Nova, 2014, p. 55,56.

8 BEALE, 2014, p. 56,57.

menos quatro áreas principais, interagindo as melhores contribuições de quatro escolas distintas que compartilharam preocupações e divergiram em outros pontos-chaves. Os quatro pontos de tensão foram discutidos por Bock⁹ e expostos a seguir.

O primeiro deles foi a *dupla autoria*, que pode ser entendida de diversas formas. Resumidamente, Deus escreveu ao Seu povo em um ponto na história e ao longo do tempo. Já com relação à autoria humana, pode-se dizer que o autor humano escreveu para o seu povo em um ponto na história e/ou escreveu com a esperança de entregar a mensagem final de Deus, podendo ser: em plena consciência humana, na linguagem ideal da passagem, em uma linguagem que fosse possível expandir o referente para outro contexto através da revelação progressiva ou em um padrão de cumprimento que fosse direcionado para dois ou mais eventos no mesmo enunciado, sem a compreensão autoral humana completa. A variedade de relações entre os autores divino e humanos conduzem naturalmente a questões semânticas de linguagem e referente.

Com relação a *linguagem e referente*, a flexibilidade dentro do assunto permite diferentes pensamentos, por isso a necessidade de analisar mais de perto, além do contexto (fator determinante), três elementos que contribuem para o significado - símbolos, sentido e referente. Símbolos são signos alfabéticos da palavra. Sentido é a definição genérica do significado da palavra no contexto. Referente é o objeto, pessoa ou conceito referido no contexto.¹⁰

A área ainda precisa de muito estudo, especialmente à luz do fato reconhecido de que as palavras ganham sentido a partir de seu contexto, isto é, a partir da frase, parágrafo, e maior confi-

⁹ BOCK, D. L. *Part 2 Evangelicals and the Use of the Old Testament in the New*. **Bibliotheca Sacra**. BSAC 142:568 (oct 1985): p. 306-316.

¹⁰ LUNDE, J.; BERDING, K. **Three Views on the New Testament Use of the Old Testament**. Grand Rapids, Michigan: Zondervan, 2008, p. 113.

guração em que eles são contidos. Portanto, o papel do contexto de uma passagem é crucial para determinar o seu significado, lembrando-se de respeitar o que é antecedente e o que é subsequente à passagem dada. Entretanto, para algumas escolas, o contexto de toda a Escritura deve ser usado.

Nas Escrituras existem algumas relações linguagem-referente, Bock¹¹ lista 5 delas: referentes mais específicos de acordo com o contexto; reutilização e reaplicação de acontecimentos; a linguagem era “terrena” no AT e foi expandida para um sentido “celestial”; a linguagem era figurativa e tornou-se literal; a linguagem que era literal torna-se figurativa. Embora uma variedade de relacionamentos exista no nível do referente, para Bock o sentido básico da passagem é mantido. Essa questão ainda precisa ser tratada em detalhe pelos estudiosos, e uma área que obviamente toca nisso para a discussão é o progresso da revelação.

O *progresso da revelação* introduz uma ideia que também é uma característica especial do conceito de dupla autoria, ou seja, Deus progressivamente divulga seu plano ao longo da história. Passagens mais antigas nas Escrituras tornam-se mais claras e desenvolvidas à medida que o plano de Deus é revelado em eventos e textos subsequentes. Isto envolve, costumeiramente, a identificação de novos referentes, cujos referentes anteriores apontavam.¹²

Outra questão consensual entre a maioria dos estudiosos é a *diferença nos textos*. Quando a discussão se apresenta no nível histórico-gramatical, o questionamento básico é como os autores do NT citaram uma tradução (Septuaginta - LXX) em lugar do texto original (versão hebraica - Massorético), uma vez que só este é inspirado. Outro caráter dessa discussão está no nível semântico. A mudança do texto pode ser vista de várias maneiras. Primeiro, por causa da diferença entre a forma textual e contextual da passagem do AT utilizada. Segundo, a alteração

11 BOCK, 1985, p. 310.

12 LUNDE; BERDING, 2008, p. 114,115.

da redação pode ocorrer claramente e a questão básica sobre a origem hebraica para o texto pode ser respondida positivamente, permanecendo ainda uma questão quanto à legitimidade da mudança. Nesse caso, a mudança pode ser interpretativamente fundamentada em maiores preocupações teológicas bíblicas na história. Terceiro, às vezes o texto era mudado por causa de um contexto maior. Isso podia acontecer em torno da passagem em si ou em torno do tema da passagem, sem a citação de todos os versos. Então, essas alterações poderiam ocorrer nos textos do NT pelos mesmos motivos do nível semântico, teológicos bíblicos. A área dos diferentes textos é complexa, mas isso não precisa levantar acusações de hermenêutica arbitrária ou falta de historicidade nessas citações.

Bock identificou sua abordagem como “Único Significado, Múltiplos Contextos e Referentes”. O entendimento dessa visão é um tanto complexo, mas é possível perceber duas afirmações precisas que Bock usa para resumir, em certo modo, toda essa visão hermenêutica. Primeiro, o contexto original de uma passagem do AT desempenha um papel fundamental para definir parâmetros estáveis de como o texto é usado (significado), mas esse não é o único fator. Além disso, as passagens anteriores se tornam mais claras à medida que surgem novos contextos e revelações, podendo haver, então, “novos referentes”.

Diante disso, Bock argumenta que há a possibilidade de existir duas maneiras de ler a Bíblia - “histórico-exegético e teológico-canônico”. Uma leitura que realça o lado histórico-exegético está preocupada em discernir o que o autor original quis dizer para um determinado audiente em uma situação histórica específica. Já em uma leitura teológica-canônica, o progresso da revelação pode representar uma passagem anterior com esclarecimento e desenvolvimento maior do que o autor original poderia ter compreendido. Assim, a partir da necessidade de harmonizar os dois tipos de leitura, a proposta é de uma aborda-

gem com ambas as perspectivas para solucionar as dificuldades do uso do AT no NT, em sua maioria.¹³

Essa abordagem é uma mistura proveitosa do melhor de todos os pontos de vista. De acordo com Moo¹⁴, que admite ser favorável à abordagem de significado único de Kaiser, reconhece que uma abordagem canônica é adequada, pois nem todos os usos do AT no NT podem ser explicados pela hermenêutica histórico-gramatical. Com relação a isso, ele comenta:

[...] é melhor pensar que os autores do Novo Testamento leram o texto contrastando com todo o escopo da revelação no pano de fundo, preservado no Canon em desenvolvimento. O significado pretendido pelo autor humano em algum contexto em particular pode ter um significado ‘mais completo’, desenvolvido legitimamente de seu significado a luz do contexto canônico final.¹⁵

2. INTERPRETANDO O ANTIGO TESTAMENTO

A princípio, serão analisados os textos citados e/ou aludidos pelo autor da epístola aos Hebreus nos capítulos 3 e 4. Esses intertextos dizem respeito a dois momentos históricos específicos no AT: a criação e a promessa de entrada na terra prometida. Para que a discussão se torne clara, o trabalho será estruturado sempre considerando esses dois eventos, com ênfase no termo “descanso”, buscando o entendimento do seu significado e referente dentro de cada contexto.

13 LUNDE; BERDING, 2008, p. 116.

14 MOO, D. J., **The Problem of Sensus Plenior**. In: *Hermeneutics, Authority, and Canon*. Editores: D. A. Carson and John D. Woodbridge. Grand Rapids: Zondervan, 1986, p. 201.

15 MOO, 1986, p. 210.

2.1 DESCANSO NA CRIAÇÃO

O primeiro acontecimento, a criação, pode ser visto nas duas referências ao texto de Gênesis 2.2, presente na perícope de Hebreus escolhida para ser analisada. Tanto a primeira quanto a segunda aparição se dá por uma intertextualidade implícita, Hebreus 4.4 e o versículo 10 desse mesmo capítulo: “...descansou de suas obras, como Deus das suas”. Nesse dia, Deus descansou da obra que havia feito e, além disso, o abençoou e santificou (Gn 2.3).

Após instituir todas as coisas, Deus descansou de toda obra que havia feito. Isso se deu no dia sétimo. O número desse dia foi bem enfatizado no capítulo dois de Gênesis, sendo, por isso, repetido três vezes (Gn 2.1-3). Segundo Waltke¹⁶, essa repetição diferencia e indica uma significação superior aos demais dias. Além da ênfase por repetição, é crucial considerar o enredo da narrativa apresentado nessa cena da criação, em que aparece Gênesis 2.2-3 como um clímax bastante apropriado ao texto de Gênesis 1.1-2.3. A criação de Deus, que mostra ao leitor a sua estrutura ordenada, é concluída com esses dois versículos que expressam interna e externamente a relevância do sétimo dia.

Segundo Carson¹⁷, as últimas palavras podem ser traduzidas literalmente como “o que Deus criou para fazer”, e imediatamente traz à memória as primeiras palavras “...criou Deus...”. Isso confere relevância e impacto dessas verdades. Foi, então, no dia sétimo que Deus declarou seu trabalho oficialmente concluído e demonstrou que este é seguido de um período de contemplação e descanso. Outra colocação interessante com relação ao

¹⁶ WALTKE, B. K. **Comentários do Antigo Testamento: Gênesis**. Tradução de Valter Graciano Martins. São Paulo: Cultura Cristã, 2010, p. 79.

¹⁷ CARSON, D. A. **Do Shabbath para o Dia do Senhor**. Tradução de Susana Klassen. São Paulo: Cultura Cristã, 2006, p. 29.

sétimo dia, comentada por Waltke¹⁸, é a ausência das palavras “tarde e manhã”, cuja presença foi constante nos primeiros seis dias, e fez referência ao fim de cada ciclo diário.

Carson traz uma explicação etimológica e conceitual muito significativa para o termo “descansou”, no hebraico, e conclui que o sétimo dia seria um dia que marca o fim da semana e a cessação de trabalho:

Uma questão deve ser discutida com relação à origem do Shabbath é a etimologia e o significado do termo תָּבַשׁ. Os lexicógrafos associam-no תָּבַשׁ (cessar, parar; parar de trabalhar; celebrar; descansar). Hehn ressalta que o significado de “descansar” não é natural desse verbo; תָּבַשׁ diz respeito a “cessar, haver concluído”. Schmidt não encontra qualquer interdependência original entre o verbo תָּבַשׁ e o substantivo “Shabbath”, havendo apenas uma ligação bastante antiga. Partindo da etimologia, Beer e Mahler encontram a ação de “estar completo”. De Vaux mostra que a formação substantiva com base no verbo תָּבַשׁ é irregular; “a forma regular seria shebbeth”. E sua forma gramatical “deveria ter o significado ativo de ‘dia que cessa algo, que marca um limite ou divisão’ [...]”. Assim, o Shabbath seria um dia que marca o fim da semana e a cessação do seu trabalho.¹⁹

Apesar da passagem de Gênesis 2 não mencionar o termo Shabbath, e sim o “sétimo dia”, em Êxodo 20.11, através da conjunção explicativa “porque”, pode-se entender que a instituição do sábado foi baseada no descanso de Deus, no dia sétimo da criação. Então, é possível afirmar que o cronograma divino constituído pela semana de sete dias foi a base para instituir o Shabbath ao povo de Israel.

Vale salientar também que em Gênesis 2 não parece ensi-

18 WALTKE, 2010, p. 79.

19 CARSON, 2006, p. 23

nar que uma lei havia sido decretada por Deus, ou seja, esse ato criador de Deus não assume a forma habitual de um decreto ou constituição de algo. O texto diz que Deus terminou suas atividades de criação no sexto dia e, então, não as realizou no sétimo dia, simplesmente um ato de cessação. Kidner²⁰ corrobora com essa afirmação destacando que no dia sétimo a obra consumada de Deus foi selada, primeiramente, pela palavra “descansou”, e posteriormente por “abençoou e santificou”. Literalmente, aquela palavra significa o repouso da realização cumprida, e não da inatividade, pois Deus sustenta o que cria. Isso pode ser visto em João 5.17, quando o próprio Cristo afirma que tanto ele quanto o Deus Pai estão trabalhando até agora.

Waltke²¹ acredita que o descanso de Deus foi o estabelecimento de um padrão oferecido a todos (animais, servos e estrangeiros) para o ciclo de trabalho com um período regular de descanso. No Evangelho de Marcos, o próprio Jesus, autor da criação (Jo 1.1-3), afirma que o sábado (o sétimo dia na semana judaica) foi estabelecido por causa do homem, em seu benefício. Enquanto em culturas pagãs os deuses construíram templos como marco, Deus, por sua vez, instituiu o descanso, um santuário temporal no qual o povo de Israel podia descansar de seus labores, a cada semana, com o seu Deus.

Além de haver descansado, Deus abençoou e santificou esse dia (Gn 2.3). Segundo Carson²², algumas argumentações sugerem que os dois termos são sinônimos e que, portanto, a relevante característica desse dia deve ser compreendida no sentido de “santificação”, ou seja, separação ou eleição. Por isso, pode-se entender o Shabbath mais do que uma imitação do padrão divino ou uma expressão de preocupação social. Esse dia foi estabe-

20 KIDNER, D. *Gênesis*: introdução e comentário. Tradução de Odayr Olivetti. São Paulo: Vida Nova, 1979, p. 50.

21 WALTKE, 2010, p. 79.

22 CARSON, 2006, p. 29,30.

lecido como um sinal, uma “aliança perpétua” entre Deus e seu povo. Esse sinal mostra a graça, a santidade e a autoridade de Deus, que é expressa, respectivamente, na santificação, separação e obediência do Seu povo.

Diante de todos os comentários sobre a passagem do descanso na cena da criação, é possível concluir, primeiramente, que a importância do sétimo dia é indiscutível. Essa afirmação está bem expressa na própria estrutura da narrativa, onde os versículos 2 e 3 de Gênesis 2 apresentam-se como ponto de tensão na história. Além disso, o significado final do termo “descansou” é definido como “dia que cessa algo, que marca um limite ou divisão”. Nesse contexto específico, refere-se a um dia que marca o fim da criação. O próprio gênero literário de Gênesis exclui a interpretação que Deus instituiu uma lei naquele momento, mas é sabido que esse fato foi a base para a constituição de uma lei civil em benefício de todos, que compreende um ciclo de trabalho com um período regular de descanso. Por causa da ação de separação do dia sétimo, pode-se entender espiritualmente esse dia como um sinal, uma “aliança perpétua” entre Deus e seu povo.

Carson²³ acredita que é possível considerar a bênção do sétimo dia da criação num sentido escatológico, ou seja, parece existir um referente superior além dos que estão claramente expressos no texto. Segundo ele, pode ser assim entendido, pois o texto diz que Deus cessou o trabalho no sétimo dia a fim de “descansar”, o que só poderia indicar que o objetivo da criação não é a humanidade, que seu ápice não é o homem, mas que todas as atividades criadoras de Deus fluem para um período universal de descanso.

Outra observação que pode ser acrescida a essa argumentação é a hipótese de que talvez a supressão do termo “tarde e

23 CARSON, 2006, p. 30.

manhã” para o sétimo dia seja uma possível referência a uma perspectiva infinita do descanso de Deus e que os homens sejam levados a olharem para o descanso eterno. Assim, a declaração de Gênesis 2.3 pode ser vista, não somente em termos de que as obras de Deus foram finalizadas e de bênção do Shabbath (de acordo com a compreensão de Êxodo 20.11), mas em termos de descanso final para o povo de Deus. O mistério desse sétimo dia não pode ser desvendado em termos humanos, antes encontra seu objetivo e solução na revelação progressiva apresentada no Novo Testamento, em Hebreus, como será visto posteriormente.

2.2 DESCANSO NA TERRA PROMETIDA

O segundo acontecimento pode ser visto, primeiramente, em Hebreus 3.7-11, onde o autor faz uma alusão ao Salmo 95 para tratar do evento do povo de Israel com relação à entrada na terra prometida, uma vez que essa passagem possui intertextos referentes às passagens de Êxodo 17.7, Números 14 e Números 20.13, que são o fundamento para o entendimento da passagem em Hebreus.

O Salmo 95 foi possivelmente escrito por Davi (Hb 4.7) em um ambiente festivo, dentro de um contexto de adoração. Esse Salmo é dividido em duas partes, a primeira parte é um cântico de ação de graça, um convite à adoração que traz à imaginação uma procissão da unidade adoradora até o local de culto, entoando cânticos de júbilo (versos 1-2) que louvam a Deus por suas obras poderosas (versos 3-5). Antes da segunda parte, aparece o ponto alto da procissão, quando os adoradores se prostram diante do Senhor, dizendo: “Vinde, adoremos e prostremo-nos; ajoelhemos [...]. Ele é nosso Deus, e nós, povo do seu pasto e ovelhas da sua mão” (versos 6-7a), enfatizando Deus como um pastor que se dirige ao seu povo, que são suas ovelhas. Então, ressoa uma palavra profética, que parece vinda do próprio Deus, exortando o povo à obediência, essa é a segunda parte (versos 7-11).

Segundo Beale&Carson²⁴, a palavra profética divide-se em três partes. A advertência “não endureçais o coração” é o destaque da primeira parte, e segue-se a um termo de referência temporal “hoje” e a uma oração condicional “se ouvirdes a sua voz”. A segunda parte traz à tona um exemplo real através da conjunção comparativa “como”. O comentarista afirma que no texto hebraico e na Septuaginta (LXX) esse relato é expresso de forma diferente. Enquanto no hebraico o autor cita os nomes de “Meribá” e “Massa” (Êx 17.1-7), apontando para o episódio em Cades (Nm 20.1-14), a LXX conecta o Salmo diretamente com Números 14, transformando os nomes “Meribá” e “Massá”, em seus respectivos significados, “rebelião” e “provação”/“tentação”.

A terceira parte, e final, traz à memória dos ouvintes a consequência da rebeldia e de não andar nos caminhos de Deus. Segundo Silva²⁵, o verbo que expressa a ação divina para com o povo é “desgostado”, “estava enojado” (hebraico) ou “muito irado” (LXX). Por causa disso, Deus jurou que eles não entrariam no Seu descanso. Com relação ao termo “descanso”, é importante entender, por enquanto, que o salmista quis trazer à mente dos leitores a cena da conquista da terra que os israelitas possuiriam, pois lá eles teriam uma habitação permanente e segura (Dt 12.9).

É interessante considerar um pouco mais o exemplo que o salmista traz a respeito do povo de Israel, lembrando o contexto de cada um dos intertextos citados na introdução desse item. O contexto de Êxodo 17.7 refere-se a momentos após a saída do povo do Egito (Êxodo). Inicialmente, Israel murmurou por falta de água doce em Mara (Êx 15), e mais à frente, no deserto de Sim, por falta de comida (Êx 16). O Senhor, portanto, misericordiosamente supriu a necessidade tanto da água quanto do alimento (com

24 BEALE, G. K.; CARSON, D. A. **Comentário do uso do Antigo Testamento no Novo Testamento**. Tradução de C. E. S. Lopes, F. Medeiros, R. Malkomes e V. Kroker. São Paulo: Vida Nova, 2014, p. 1171.

25 SILVA, 2016, p. 11.

o maná). Outro momento de murmuração do povo por falta de água, não muito distante do primeiro, pode ser visto no texto de Massá e Meribá. Nessa ocasião, é importante perceber que Moisés considera a reclamação do povo, que foi dirigida a ele, direcionada para Deus (“Por que nos fizeste subir do Egito, para nos matares de sede, a nós, a nossos filhos e aos nossos rebanhos?” - Êx 17.3).

Além desse acontecimento, o salmista faz referência às palavras exatas ditas por Deus em Números 14, onde é registrada a narrativa histórica da recusa de Israel em entrar na terra prometida. Após a maioria dos espias, enviados por Moisés, terem voltado com um relatório desfavorável para Cades, o povo quis levantar um novo líder que os guiasse novamente ao Egito. Então, Deus disse a Moisés: “Até quando me provocará este povo e até quando não crerá em mim, a despeito de todos os sinais que fiz no meio dele?” (Nm 14.11). Os israelitas não se rebelaram contra Deus apenas uma vez, eles colocaram Deus à prova dez vezes (Nm 14.22) e se recusaram escutar a Sua voz. O coração deles estava cheio de descrença, e seus olhos ficaram cegos diante dos milagres que Deus fazia.

Outra passagem refletida no Salmo é Números 14.21, onde Deus dá a Sua palavra, com um juramento. Apesar de todo o cuidado e orientação, prodígios e glória vindos de Deus, o povo de Israel provou a paciência de Deus, e por isso Ele jurou: “nenhum deles verá a terra que, sob juramento, prometi a seus pais, sim nenhum daqueles que me desprezaram a verá” (Nm 14.23). Deus, então, anulou a promessa de descanso aos israelitas descrentes e disse-lhes que morreriam no deserto. Somente àqueles que não haviam menosprezado a Deus, seria dada a terra prometida.

Perto do final dos quarenta anos de jornada no deserto, o povo de Israel novamente contende contra Moisés e Arão por água e Deus, misericordiosamente, providencia água por meio da rocha (Nm 20.2-13). A ordem do Senhor era que Moisés fa-

lasse à rocha, mas dessa vez Moisés perde a paciência e bate na rocha duas vezes. Por causa disso, Deus acusa tanto Moises quanto Arão de incredulidade, os quais não santificaram a Deus diante dos filhos de Israel. Conseqüentemente, ambos são proibidos de conduzir a entrada do povo na terra prometida.

Essas três situações da história de Israel que estão presentes no Salmo 95 formam a base para a discussão e o entendimento do termo “descanso”. No contexto da posse da terra pelos israelitas, é possível definir o conceito de descanso também como um “dia que cessa algo, que marca um limite ou divisão”, ou seja, o modo de vida nômade do povo de Israel havia terminado e o histórico de guerras sobre guerras tinha cessado quando a terra fora conquistada. Anteriormente foi vista uma ligação entre o descansar de Deus na criação com o descanso sabático, aqui há ligação entre o descanso referido por Davi no Salmo 95 com a promessa de entrada na terra prometida.

264

No caso da promessa de entrada na terra prometida, o “descanso” tem um referente somente terreno, e duas argumentações corroboram essa afirmação. Primeiro, o descanso na terra prometida não poderia se referir a algo maior, uma vez que líderes (Moisés e Arão) escolhidos pelo próprio Deus não puderam entrar por causa da incredulidade. Segundo, o salmista traz à tona a questão da entrada ou não no descanso, mesmo depois de muito tempo Josué (também escolhido por Deus) ter liderado a posse da terra prometida, dando descanso ao povo. Ou seja, apesar da palavra “descanso” nos textos em hebraico do Pentateuco (quando se refere à terra de Canaã) e do Salmo 95 serem sinônimas, elas não parecem ter o mesmo referente, e isso é possível perceber por causa do contexto.

Então, pode-se dizer que essa possível perda do descanso, registrada pelo salmista como palavras do próprio Deus, torna-o ainda disponível. Esse fato incorpora ao referente somente terreno do Pentateuco um referente também futuro. Outra infor-

mação relevante para a profundidade de um novo referente com o progresso da revelação é expressa no Salmo 95 com a presença do pronome possessivo “meu”, acompanhando o termo “descanso”, atribuindo este ao próprio Deus. Isso ainda não havia sido visto quando o descanso se referia somente à terra prometida.

3. INTERPRETANDO O LIVRO DE HEBREUS

Considerando a interpretação primária dos textos do AT, faz-se necessário prosseguir o estudo para entender o porquê do autor da epístola aos Hebreus se apropriar dessas passagens, e qual a importância delas para um entendimento completo do que realmente significa e refere o termo “descanso”.

A epístola aos Hebreus foi destinada aos cristãos de ascendência judaica, com o fim de encorajá-los a amadurecer e perseverar na fé, através da superioridade de Cristo e da Sua obra. Essa carta foi estruturada por Pinto²⁶ em cinco partes: prólogo, a superioridade da pessoa de Cristo, a superioridade da obra de Cristo, a resposta dos cristãos por meio da fé e epílogo.

A passagem escolhida para análise está dentro da seção que discorre sobre a superioridade de Cristo aos líderes judaicos, ultrapassando e muito o ministério dos anjos, a liderança de Moisés e Josué e o sacerdócio Aarônico. Por causa da grande importância de Moisés, uma comparação entre ele e Jesus seria um forte argumento para os cristãos, principalmente judeus. É interessante perceber que o argumento é iniciado, no capítulo 3, demonstrando que a posição de Moisés como servo era muito inferior à de Jesus como Filho, e que, por isso, os audientes deveriam se apropriar desse conhecimento teológico como fundamento para não vacilarem na fé.

Seguindo no texto do capítulo 3, para facilitar estrutural-

²⁶ PINTO, C. O. C. **Foco & Desenvolvimento no Novo Testamento**. 2.ed. São Paulo: Hagnos, 2014, p. 498-506.

mente a discussão do trabalho, é possível separar as exortações presentes nesse trecho da carta aos Hebreus em dois tipos: uma advertência e uma esperança, atrelados, respectivamente, ao descanso com relação à entrada na terra prometida e ao descanso com relação à criação. Da mesma forma que o autor da carta não usa os intertextos em ordem cronológica, assim também será ao longo do desenvolvimento desse item.

3.1 ADVERTÊNCIA COM BASE NO DESCANSO NA TERRA PROMETIDA

Primeiramente, é importante notar que o intertexto (Sl 95.7-11) não é citado integralmente e não há menção do seu autor, por isso entende-se que a intertextualidade é implícita. Parece que não foi preciso apresentar o autor do Salmo, pois era do conhecimento dos leitores que se tratava do próprio rei Davi (Hb 4.7). Além disso, Kistemaker²⁷ faz uma observação importante, que parece explicar textualmente a escolha do autor em não se apropriar do Pentateuco, mas de um aglomerado de intertextos do Salmo 95 para exemplificar a advertência. O comentarista fala sobre o costumeiro uso do Salmo 95 durante os rituais tanto no templo quanto nas sinagogas, pois apresenta um convite à adoração. Além de uma justificativa textual, há também a bagagem teológica que o termo “descanso” traz no Salmo, atrelando ao descanso com relação à terra prometida no Pentateuco um referente futuro, visto no item anterior.

A passagem do Salmo 95 é introduzida com as palavras “Assim, pois, como diz o Espírito Santo” (Sl 95.7), reconhecendo o AT como inspirado por Deus, e conferindo autoridade à palavra aludida. Há uma diferença de textos nesse versículo entre o AT (LXX) e o NT. No Salmo 95 há uma ênfase de que o próprio Deus fala com seu povo, assim como um pastor com suas ove-

²⁷ KISTEMAKER, S. *Comentário do Novo Testamento: Hebreus*. Tradução de Marcelo Tolentino. São Paulo: Cultura Cristã, 2003, p. 131.

lhas. Então, é possível entender que, assim como Deus falava no AT, o Espírito Santo é quem fala aos cristãos. As primeiras palavras do intertexto parecem expressar a intenção do autor de modo especial, pois são repetidas por três vezes ao longo da argumentação (3.7-8; 3.15; 4.7). A intenção dele é advertir severamente os leitores sobre não deixarem de ouvir a voz de Deus, e isso será confirmado posteriormente.

Nos versículos seguintes (8-9), embora não apresente os termos Massá e Meribá, refere-se a este contexto de incredulidade, pois foi visto que na LXX esses dois nomes são traduzidos como rebelião e tentação, respectivamente. Segundo Guthrie²⁸, o “dia da tentação” talvez faça referência ao início da peregrinação, quando já houve murmuração, enquanto que os “quarenta anos” se refira à duração. Ou seja, aquilo que apareceu numa ocasião pontual desenvolveu-se como um hábito fixo da mente, levando Deus a uma atitude de indignação. Apesar de o povo ter presenciado os milagres do Senhor no deserto, eles mantiveram-se incrédulos. O ponto principal dessa parte da passagem é justamente alertar uma repetição de rebelião semelhante contra Deus.

Segundo Silva²⁹, no versículo 10, Deus estava indignado com o povo por errarem no coração e não conhecerem os caminhos divinos. Por causa dessa rebeldia, o veredito é conclusivo e expresso na forma de um juramento no versículo 11. Neste, o intertexto do Salmo 95.11 é repetido precisamente “não entrarão no meu descanso”, e aparece ainda em Hebreus 4.3,5, enfatizando o termo-chave dessa perícopé, “descanso”. Segundo Guthrie³⁰, as palavras do juramento são introduzidas por uma condição (“se”), mas por não ser seguida de uma conclusão (“então”) expressa fortemente uma negação. O significado e refe-

28 GUTHRIE, D. **Hebreus**: introdução e comentário. Tradução de Gordon Chown. São Paulo: Mundo Cristão, 1983, p. 98.

29 SILVA, 2016, p. 11.

30 GUTHRIE, 1983, p. 99.

rente de “descanso” é integralmente discutido no capítulo 4; por enquanto, é importante entender que os rebeldes se colocam fora da provisão divina.

Segue-se, então, uma advertência, baseada no exemplo registrado no texto do AT, no qual o autor da epístola resume o estado de mente dos israelitas no Salmo como sendo de perverso coração de incredulidade, e vê a possibilidade da mesma condição nalguns dos seus leitores.

Ao invés de se concentrar na geração da peregrinação no deserto, o autor usa essa situação para exemplificar como não se deve reagir diante da voz de Deus. Uma ligação que o autor de Hebreus faz aos acontecimentos que se deram com os israelitas para os seus contemporâneos é por meio da palavra “Hoje” (Hb 3.13), e também por meio da expressão “coração de incredulidade”, que é o mesmo que “coração endurecido”, tornando o Salmo relevante a eles. De acordo com Beale&Carson³¹, a força desse argumento se dá por analogia e diz respeito àqueles que estão em um relacionamento com Deus, ou seja, Deus transmite sua palavra e espera obediência a esta. Essa analogia pode ser vista na expressão “assim como eles (Hb 4.2), e é possível observar, segundo os comentaristas, tanto uma continuidade (ser parte do povo de Deus a partir da crença na boa-nova pregada) quanto uma descontinuidade (a voz de Deus foi revelada em épocas e situações diferentes) entre os dois momentos.

No versículo 14, a conjunção explicativa “porque” aponta o motivo pelo qual os cristãos, leitores da epístola, deveriam exortar uns aos outros para se guardar da incredulidade. O autor aos Hebreus lembra que estes são participantes de Cristo. Aqueles que procuram outros meios para contribuir com a salvação provam que nunca fizeram parte de Cristo, enquanto aqueles que fazem parte de Cristo provam sua verdadeira fé através da

³¹ BEALE; CARSON, 2014, p. 1173.

perseverança na fidelidade. Nesse mesmo versículo, aparece a conjunção “se”, que indica a possibilidade da fraqueza de alguns irmãos na confiança que tinham desde o princípio em Cristo, possibilitando ao autor da epístola considerá-los distantes da fé.

O versículo 15 apresenta a segunda repetição do Salmo 95.7. A primeira menção desse verso foi seguida por uma exposição em que a ênfase estava no termo “hoje”, referindo-se à atualidade e urgência transmitida pela palavra. Essa segunda aparição é seguida por uma advertência à desobediência, na qual quatro termos são empregados para ressaltar a questão da rebelião – “se rebelaram” (verso 16); “pecaram” (verso 17); “foram desobedientes” (verso 18) e “incredulidade” (verso 19). Segundo Beale&Carson³², a advertência foi feita através de uma técnica retórica conhecida como subjeção, na qual o autor ou orador faz uma série de perguntas, que, no caso, todas foram extraídas do conteúdo do Salmo 95, enquanto as respostas a essas perguntas são de outros textos do AT (Nm 14.1-38; Dt 9; Sl 78.22,32; 106).

O juízo divino apresentado é justamente a conclusão óbvia dessa seção: a incredulidade foi o motivo pelo qual os israelitas morreram no deserto e não puderam entrar na terra prometida (verso 19).

3.2 ESPERANÇA COM BASE NO DESCANSO NA CRIAÇÃO

A segunda parte da perícopes que está sendo analisada nesse trabalho, Hebreus 4.1-11, oferece uma exortação positiva, e contrapõe o exemplo negativo retratado no capítulo 3, oferecendo aos leitores uma esperança: a promessa de descanso a todos que crerem na Palavra de Deus. Em 4.1, a palavra “portanto” tem um significado relevante, uma vez que olha para o intertexto de Salmo 95, bem como para sua interpretação, e aponta para

32 BEALE; CARSON, 2014, p. 1170.

um episódio futuro aos leitores da epístola. Nessa transição, a questão principal levantada é que há um “descanso de Deus”, e que alguns poderiam pensar que chegaram tarde demais a ele. Por isso, todos deveriam temer, reverentemente, examinando sua condição espiritual e insistindo com toda a comunidade a assumir o mesmo compromisso.

Em 4.2, o autor traz de volta a analogia entre os que morreram no deserto e os cristãos, que já havia sido comentada antes. As “boas-novas” de salvação foram anunciadas tanto aos israelitas quanto aos cristãos do primeiro século. Essa afirmação pode ser confirmada a partir da palavra no grego εὐαγγελίζω e εὐαγγελίζομαι que, segundo a Concordância Fiel³³, significa “evangelho” e é empregada diversas vezes no NT, em textos-chaves, como, por exemplo, em I Coríntios 15.1. No versículo de Hebreus está sendo destacado que o simples fato do conhecimento da mensagem de Deus não é suficiente. Esse conhecimento deve ser apropriado de fé, evitando, portanto, a situação do povo rebelde no deserto, nesse contexto específico.

Segundo Erickson³⁴, há grande semelhança na linguagem utilizada na descrição da condição dos santos do AT e do NT. O próprio Moisés distingue dois grupos em Israel (“obstinados” e de “dura cerviz”), enquanto que Estevão, em Atos, expressa um conceito semelhante aos que lhe apedrejaram (“homens teimosos e incircuncisos de coração e ouvido”). É possível ainda comparar essas descrições com a promessa de Moisés em Deuteronômio 30.6, o qual faz distinção entre os que são circuncidados de coração e os que não são. Paulo esclarece esse texto: “Porque não é judeu quem o é apenas exteriormente, nem é circuncisão a que é somente na carne. Porém judeu é aquele que o é interiormente, e circuncisão, a que é do coração, no espírito, não segundo a letra, e cujo louvor não procede dos homens, mas

33 **CONCORDÂNCIA Fiel do Novo Testamento**. São Paulo: Fiel, 1994, p. 332,333.

34 ERICKSON, M. J. **Teologia Sistemática**. Tradução de Robinson Malkones, Valdemar Kroker, Tiago Abdalla Teixeira Neto. São Paulo: Vida Nova, 2015, p. 952.

de Deus” (Rm 2.28,29). Chafer³⁵ menciona: “Paulo, portanto, ensinou e acreditou que, do número total de judeus, sempre houve um grupo de verdadeiros judeus, todos os que eram salvos por fé e purificados interiormente, tendo seus corações transformados (‘circuncidados’) para se conformar a vontade de Deus.”

Em 4.3-5, é interessante notar a associação que o autor faz entre o “descanso” no Salmo 95.11 e o “descanso” na criação, vista na narrativa de Gênesis 2. A partir disso, é possível entender, mais claramente, a que se refere o termo “descanso”. A ideia de descanso aqui foi usada para se referir a algo maior, algo espiritual e escatológico, confirmando a bagagem teológica que o salmista já havia incorporado ao termo emprestado do Pentateuco. Enquanto antes se referia somente à entrada em Canaã, na qual os israelitas teriam alívio da perturbação dos inimigos dos países vizinhos, desfrutando da terra em harmonia com a lei de Deus, agora há outro referente. Além disso, o verbo “entramos” parece ressaltar que o descanso é uma realidade presente para os cristãos e que já está no processo de ser cumprida.

O autor quer trazer à memória dos leitores que o descanso em que eles podem entrar agora não difere do descanso do Criador, ou seja, não é algo novo, mas que tem estado disponível durante toda a história do homem. Enquanto para os seis dias da criação as palavras finais foram “houve tarde e manhã”, para o sétimo dia essas demarcações de tempo não estão presentes, isto é, o período do descanso de Deus começou. É significativo como o escritor de Hebreus não se apropria dos ensinamentos de Jesus e dos apóstolos para sua argumentação, pelo contrário, ele faz sempre referência ao AT, conferindo aos antigos grande autoridade.

Na força combinada dessas duas passagens do Antigo Testamento, o autor conclui que somente as pessoas que creem entram no descanso de Deus. Do contrário, os descrentes não têm

35 CHAFER, S. L. **Teologia Sistemática**. Tradução de Heber Carlos de Campos. São Paulo: Hagnos, 2003, p. 73,74.

acesso ao descanso que Deus fornece, pois ao menosprezarem a Palavra de Deus eles desprezaram o privilégio de entrar em Seu descanso. Se os israelitas, ao entrarem na terra de Canaã, tivessem ouvido as palavras ditas por Moisés (Dt 28.1-14) e obedecido aos mandamentos de Deus, eles teriam sido os recipientes de todas as bênçãos que Deus tinha prometido. Eles teriam sido honrados sobre todas as nações da terra, e eles teriam apreciado o descanso ao viver no favor e graça de Deus. Para eles, a vida em Canaã teria sido viver na presença de Deus. Mas uma geração que veio depois da morte de Josué e os anciãos que viveram depois dele, viraram suas costas para o Deus de seus pais (Js 2.10), e a promessa de Deus transformou-se em ameaça e maldição. É por essa razão, vividamente documentada por fatos históricos, que o autor de Hebreus repete o juramento de Deus, lembrando que todos são passíveis desse juízo.

Nos versos 6 e 7, a linha de argumento é que a oportunidade de entrar no descanso de Deus existe; uma vez que os israelitas não entraram, alguém deve entrar, pois a promessa de Deus não pode ser anulada. É interessante observar que pelo menos três vezes o autor dá a resposta através de palavras do próprio Deus (3, 4 e 7). Segundo Kistemaker³⁶, essa frase no original (“como Deus disse”) está no tempo perfeito, significando que a palavra de Deus tem validade contínua, mesmo com o passar do tempo. Por isso, embora a incredulidade tivesse ocorrido no deserto, Davi aplica o texto muito tempo depois, demonstrando com convicção que as palavras de Deus têm validez permanente.

A repetição da primeira parte da passagem de Salmo 95 (“Hoje, se ouvirdes a sua voz, não endureçais o vosso coração”) expressa outro aspecto relevante. Foi visto que essa repetição mostra a intenção do autor de advertir os leitores sobre não deixarem de ouvir a voz de Deus. Além disso, o autor parece querer

³⁶ KISTEMAKER, 2003, p. 158.

incutir que essa advertência divina era tão útil para eles quanto nos dias de Moisés ou Davi. A essa altura o contraste ainda é entre Moisés e Jesus Cristo, por isso o autor não faz nenhum comentário sobre a entrada da segunda geração em Canaã. E o pensamento continua focalizado na desobediência dos israelitas como causa para a não entrada na terra.

No versículo 8, a proeminência agora é do personagem Josué, que conseguiu levar o povo de Israel para Canaã, o que Moisés não o fez por causa de sua descrença. Com base nisso, o autor de Hebreus argumenta que, se Josué tivesse realmente dado descanso ao povo, Deus não falaria em outro dia. Isso torna a ação de Josué transitória, ou seja, o fato de Davi ter falado de um descanso que pode ser adquirido (ou perdido) “hoje”, muito depois da entrada dos israelitas na Terra Prometida, sob a liderança de Josué, demonstra que Deus tinha em mente mais que a entrada física na terra. Em outras palavras, o descanso do qual Deus fala é um descanso espiritual e tem muito maior importância do que viver em segurança em Canaã. O descanso que Deus desejou para seu povo transcende o temporal e alcança o eterno. É um descanso espiritual que é efetuado pelo evangelho, seja proclamado no Antigo Testamento ou nos dias do Novo Testamento.

O autor conclui, portanto, que um descanso sabático ainda está disponível para o povo de Deus, considerando que o “descanso” da passagem do salmo deve ser identificado com o descanso de Deus no sétimo dia. Segundo Guthrie:

A descrição do descanso como um “repouso de sábado” é importante, porque introduz uma palavra (sabbatismos) que não ocorre em nenhum outro lugar. Pode ter sido cunhada por este escritor, porque diferencia eficazmente entre o tipo espiritual de descanso e o descanso em Canaã (o Salmo tem a palavra katapausis). Aqueles que são elegíveis para este repouso de sábado (ARA simplesmente repouso) são chamados o

povo de Deus, que os distingue dos israelitas descrentes.³⁷

A alusão de Gênesis 2.2 é proeminente em 4.10, e, à luz dela, o “descanso” de Salmo 95.11 envolve descansar das próprias obras, assim como Deus descansou de suas obras, no sétimo dia da criação. Kistemaker consegue expressar bem a que se refere esse descanso:

Para o crente, o sábado não é meramente um dia de descanso no sentido que é uma cessação do trabalho. Antes, é um descanso espiritual – uma cessação de pecar. Envolve uma consciência de estar na presença sagrada de Deus com seu povo em adoração e louvor. O dia de descanso é de fato um emblema do descanso eterno! Durante o tempo de nossa vida na terra, nós celebramos o sábado e entendemos só parcialmente o que o descanso sabático envolve. Na vida porvir, nós experimentaremos o descanso de Deus totalmente, pois então teremos entrado num descanso que é eterno.³⁸

274

A unidade termina da mesma forma que começou, com uma exortação, tendo como principal motivo o exemplo do povo de Israel. O autor convida os leitores a não considerar como garantido o descanso de Deus, pois queria enfatizar a responsabilidade de cada um que ouviu a palavra divina em se esforçar para viver em constante harmonia com Deus, fazendo Sua vontade e cumprindo Sua lei, ou seja, é preciso crer e obedecer à Palavra. Além da ênfase na responsabilidade individual, o autor de Hebreus admoesta os leitores a cuidarem espiritualmente uns dos outros para que ninguém tenha um coração endurecido, sendo, portanto, proibidos de entrar no descanso de Deus.

Com relação à linguagem aparente acerca da perda de salvação, é importante ressaltar pelo menos o texto base de João

37 GUTHRIE, 1983, p. 109.

38 KISTEMAKER, 2003, p. 160.

10.27-30, em que o próprio Cristo faz uma declaração de segurança. Segundo Erickson:

Na oração ‘e jamais perecerão’, João utiliza a dupla negação grega οὐ μή (ou me) com o aoristo subjuntivo, que é uma maneira muito enfática de declarar que algo não acontecerá no futuro. Jesus está descartando categoricamente qualquer possibilidade, por menor que seja, de apostasia de suas ovelhas. Uma tradução literal seria algo como: ‘Elas não perecerão, repito, nunca perecerão; isso não tem a mínima chance de ocorrer’. Essa afirmação é seguida de declarações de que ninguém pode arrancar os crentes da mão de Jesus ou da mão do Pai (v. 28,29). Em resumo, esta passagem é uma rejeição definitiva da ideia de que um crente verdadeiro possa cair ou apostatar da fé.³⁹

Diante da exposição de toda a perícopé de Hebreus 3.7 – 4.11, é possível entender claramente que o significado final do termo “descanso” é definido como “dia que cessa algo, que marca um limite ou divisão”, assim como nas duas outras ocasiões analisadas do AT. A diferença é que enquanto o “descansar” de Deus foi o fim da criação, bem como a base para o estabelecimento de um período de repouso para o homem num intervalo de sete dias, e o descanso na terra prometida fazia menção ao alívio do povo de Israel contra os inimigos e uma vida nômade, em Hebreus esse termo tem referência eterna, e indica uma cessação do pecado, descansando das obras como Deus descansou.

É interessante como o autor de Hebreus argumenta, exortando aos cristãos, para chegar à conclusão de que Jesus é superior a Moisés, líder israelita que não conseguiu dar descanso ao povo de Israel por causa da sua incredulidade. E de que esse mesmo Jesus é também superior a Josué, líder israelita que levou o povo à terra prometida, mas foi confirmado por Davi que

³⁹ ERICKSON, 2015, p. 961,962.

esse descanso não havia sido conquistado, pois o descanso dado por Josué era transitório, e um descanso ainda estava disponível para o povo de Deus. Esse descanso é o descanso de Deus, ele é eterno e só é possível por meio de Jesus Cristo, nele há o fim da atividade do pecado. Um apelo enfático foi feito à revelação de Deus ao Seu povo (Hb 4.12), e a implicação é que ninguém pode entrar no descanso verdadeiro a não ser aquele que ouve a Palavra de Deus e não tem incredulidade no coração.

Finalizando a análise com o método eclético de Bock, é possível afirmar que há agora uma completude na compreensão do que se refere ao descanso, sendo possível com o progresso da revelação divina. O significado do termo na epístola aos Hebreus é o mesmo que foi visto nas passagens do AT. Por causa da mudança de contexto, é possível perceber um novo referente e uma explicação para o que já existia nas passagens anteriores. O descansar de Deus na criação, refletido na guarda do sábado constituída na lei para o povo de Israel, apontado para a conquista da terra prometida, disponibilizado pelo próprio Deus no Salmo 95 é a viva esperança de que, quando cessarem os labores, entrarão no eterno repouso todos aqueles que ouviram a voz de Deus, ou seja, não foram incrédulos à Sua Palavra.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Diante das análises feitas, pode-se concluir que o trabalho contribui para um entendimento mais preciso do texto de Hebreus 3.7 – 4.11 e que o método hermenêutico proposto por Darrell L. Bock presta-se como uma opção válida para analisar a intertextualidade desta seção, uma vez que o termo “descanso/descansar” tem um significado único, em seus diferentes contextos, porém tem referentes diferentes que já podem ser embrionariamente identificados em passagens anteriores, mas sem completo entendimento, sempre considerando os dois níveis de interpretação defendidos pelo teólogo: histórico-exegético e teológico-canônico.

Com relação ao descanso na criação, o verbo “descansou” tem o significado de “dia que cessa algo, que marca um limite ou divisão”. No caso, esse dia é o sétimo. Dia esse que foi marcado pelo fim das obras divinas de criação, e que foi a base para instituição da lei de Deus com relação ao sábado, compreendendo um ciclo de trabalho e um tempo regular de descanso. Além do aspecto civil, foi visto que há também um aspecto espiritual, provado pelos dois termos “abençoou” e “santificou”, entendidos no sentido de “santificação”, separação desse dia, segundo a lei, para culto ao Deus verdadeiro, além do estabelecimento de uma aliança perpétua entre Deus e seu povo. Essa referência imediata não exclui a possibilidade desse descanso se referir a algo superior, entretanto não foi possível compreendê-lo com a revelação que se tem em Gênesis e em alguns trechos dos outros livros do Pentateuco.

Com relação ao descanso na terra prometida, foi possível observar uma continuidade de significado do termo “descanso”, visto na criação, mesmo em um contexto diferente. Além disso, houve continuidade de significado também no Salmo 95, em que o salmista registra as palavras do próprio Deus trazendo à tona a questão da entrada na terra prometida pelos israelitas. Enquanto no Pentateuco o descanso apontava somente para algo terreno, em que haveria alívio das guerras contra os inimigos e a cessação de uma vida peregrina, o salmista no Salmo 95 incorpora, com o progresso da revelação, um referente superior ao termo já conhecido. Esse referente futuro é possível ser observado pelo oferecimento do descanso, que aparentemente já havia sido conquistado por Josué. Além disso, esse descanso parece ter alguma relação com o descansar de Deus na criação, uma vez que no texto do Salmo 95 há a presença do pronome possessivo “meu”, atribuindo a Deus o descanso disponível “hoje”. Entretanto, também não foi possível compreender esse referente futuro com a revelação que se tem em todo o Pentateuco e em Salmo 95.

Com relação ao descanso de Deus, foi possível observar uma completude na compreensão do que se refere o descanso, sendo possível com o progresso da revelação divina. O significado do termo na epístola aos Hebreus foi o mesmo visto nas passagens do AT. Por causa da mudança de contexto, é possível perceber um novo referente, e uma explicação clara para o que já existia nas passagens anteriores. O descansar de Deus na criação, refletido na guarda do sábado constituída na lei para o povo de Israel, apontado para a conquista da terra prometida, disponibilizado pelo próprio Deus no Salmo 95, é a viva esperança de que ,quando cessarem os labores, entrarão no eterno repouso todos aqueles que ouviram a voz de Deus, isto é, não foram incrédulos à Sua Palavra.

REFERÊNCIAS

BEALE, G. K. **Manual do uso do Antigo Testamento no Novo Testamento**: exegese e interpretação. Tradução de A. G. Mendes. São Paulo: Vida Nova, 2014.

BEALE, G. K.; CARSON, D. A. **Comentário do uso do Antigo Testamento no Novo Testamento**. Tradução de C. E. S. Lopes, F. Medeiros, R. Malkomes e V. Kroker. São Paulo: Vida Nova, 2014.

BOCK, D. L. Part 2 Evangelicals and the Use of the Old Testament in the New. **Bibliotheca Sacra**. BSAC 142:568 (oct 1985): p. 306-316.

CARSON, D. A. **Do Shabbath para o Dia do Senhor**. Tradução de Susana Klassen. São Paulo: Cultura Cristã, 2006.

CHAFER, S. L. **Teologia Sistemática**. Tradução de Heber Carlos de Campos. São Paulo: Hagnos, 2003.

CONCORDÂNCIA Fiel do Novo Testamento. São Paulo: Fiel, 1994.

ERICKSON, M. J. **Teologia Sistemática**. Tradução de Robinson Malkones, Valdemar Kroker, Tiago Abdalla Teixeira Neto. São Paulo: Vida Nova, 2015.

GUTHRIE, D. **Hebreus**: introdução e comentário. Tradução de Gordon Chown. São Paulo: Mundo Cristão, 1983.

KIDNER, D. **Gênesis**: introdução e comentário. Tradução de Odayr Olivetti. São Paulo: Vida Nova, 1979.

KISTEMAKER, S. **Comentário do Novo Testamento**: Hebreus. Tradução de Marcelo Tolentino. São Paulo: Cultura Cristã, 2003.

KOCH, I. G. V.; BENTES, A. C.; CAVALCANTE, M. M. **Intertextualidade**: Diálogos Possíveis. 3.ed. São Paulo: Cortez, 2012.

LUNDE, J.; BERDING, K. **Three Views on the New Testament Use of the Old Testament**. Grand Rapids, Michigan: Zondervan, 2008.

MOO, D. J. **The Problem of Sensus Plenior, em Hermeneutics, Authority, and Canon**. Editores: D. A. Carson and John D. Woodbridge. Grand Rapids: Zondervan, 1986, p. 179-211.

PINTO, C. O. C. **Foco & Desenvolvimento no Novo Testamento**. 2.ed. São Paulo: Hagnos, 2014.

SILVA, V. V. A intertextualidade em Hebreus 4. **COLLOQUIUM**, Crato - CE, volume I, n.1, p. 5-19, 2016.

WALTKE, B. K. **Comentários do Antigo Testamento**: Gênesis. Tradução de Valter Graciano Martins. São Paulo: Cultura Cristã, 2010.



A Revista Via Teológica está licenciada com uma Licença
Creative Commons
Atribuição – Não Comercial – Sem Derivações - 4.0 Internacional